

DISCURSOS DE GÊNERO NO CINEMA: UMA ANÁLISE DO FILME “EU NÃO SOU UM HOMEM FÁCIL”

GENDER SPEECHES IN CINEMA: AN ANALYSIS OF THE MOVIE “I AM NOT AN EASY MAN”

Paula Fernandes Furbino BRETAS (IFB)
Cecília Braz ARCANJO (UNB)

402

RESUMO: Neste artigo, objetiva-se compreender como são construídos/transformados os discursos de gênero no cinema a partir da análise do filme “Eu não sou um homem fácil”. Abordar essa temática significa propor uma análise de desconstrução do gênero, sendo este uma construção social que postula inclusões e exclusões sobre o feminino que pode ser alterada ou naturalizada no/pelo discurso. Assim, discursos como práticas sociais não apenas representam a realidade, mas também a constroem, o que possibilita pensar na mudança social (FAIRCLOUGH, 2001). Compreendendo a análise fílmica como possibilidade de aprofundar questões relacionadas às percepções e reações após o contato com o filme, utilizou-se como método a aplicação do modelo de análise de filmes nas ciências sociais aplicadas proposto por Isboli, Pepece e Gaiotto (2016), que aliou semiótica e análise de discurso francesa. Na análise de dados, tem-se a caracterização dos antecedentes, os elementos componentes, o contato com o filme propriamente dito, as mensagens trabalhadas e os possíveis efeitos consequentes (ISBOLI; PEPECE; GAIOTTO, 2016). Em um contexto contemporâneo de lutas discursivas que perpassam as lutas por hegemonia (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999), espera-se poder contribuir para o entendimento de como os discursos podem naturalizar ou transformar realidades sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Discurso. Análise fílmica.

Discurso como prática social

A “virada linguística” na teoria social foi um fenômeno observado a partir dos anos 1970 em que se buscou entender fenômenos sociais a partir dos discursos (FAIRCLOUGH, 2001). No âmbito da ciência, a teoria social busca estudar o homem e suas relações. Portanto, não pretende como objeto de estudo o *homo sapiens*, ser biológico, mas sim o ser histórico, o que se torna humano a partir de sua vivência no social. Considerando que a linguagem permite a interação dos seres humanos como seres históricos e sociais, entendemos a importância dessa perspectiva na qual a linguagem ganha foco.

Van Dijk (1985) argumenta que a composição da vida social que se baseia em atividades cotidianas, por sua vez mediadas pela linguagem. As pessoas conversam, travam diálogos institucionais, contam histórias, fofocas e piadas o tempo todo (VAN DIJK, 1985). No caso deste artigo, estendemos essa enumeração para considerar que as pessoas também assistem diversos filmes em seu cotidiano.

Boje, Oswick e Ford (2004) salientam que é possível criar a realidade com a linguagem, sendo uma visão limitada percebê-la como simples ferramenta para descrever e relatar a realidade. Na mesma direção, segundo Van Dijk (1985), a realidade é construída subjetivamente, existindo interpretações pessoais que podem ser compartilhadas a partir do desenvolvimento da intersubjetividade na conversa cotidiana que permite a criação de senso comum e de regras para permitir que um

entenda o outro. Corroborando com essas ideias, Saraiva e Carrieri (2008) argumentam que a linguagem é o meio que permite aos indivíduos significarem seu mundo para a interpretação do outro e, portanto, é uma ferramenta que possibilita a estruturação do pensamento, a comunicação e a expressão do homem.

Para demonstrar a importância dessa construção da realidade social por meio da linguagem e a relação entre discurso, poder e ideologia, Hardy (2001), autora da área de administração, exemplifica que o discurso da estratégia tem introduzido práticas de gestão nas organizações nos últimos anos. Cita também o discurso pós-guerra de direitos humanos na defesa do direito a asilos a refugiados. Para a autora, os processos de produção, disseminação e consumo de textos, criam, sustentam e contestam sentidos a partir da interação de grupos sociais e estruturas sociais complexas nas quais os discursos estão inseridos (HARDY, 2001). Portanto, há lutas de sentidos nesses espaços, o que demonstra que a relação entre discurso, poder e ideologia não é tão simples, uma vez que o discurso não é apenas expressão do poder (MUMBY; CLAIR, 2000).

Em outras palavras, mesmo havendo discursos dominantes, muitas vezes naturalizados e tomados como certos, eles se mantêm nessa posição numa constante luta que inclui reproduções e transformações por meio de práticas comunicativas cotidianas (HARDY, 2001). Há um complexo e dinâmico processo de forças ideológicas competindo entre si a partir dos interesses dos diferentes grupos (MUMBY; CLAIR, 2000). As relações de poder aparecem como resultados dessas lutas discursivas. Tendo como base a análise do discurso, é possível compreender como se configuram as relações de poder na organização social bem como as condições que ditam o que se pode dizer ou quem pode falar (HARDY, 2001).

Considerando a junção da crítica social e a materialidade discursiva dos problemas sociais, emerge o conceito de práticas sociais ao lado do de discurso conectando a análise das estruturas sociais à análise da (inter)ação, e buscando superar a dicotomia teórica entre estrutura e agência (RESENDE, 2008).

Fairclough (2001) utiliza como conceito de discurso o uso da linguagem ou parole (fala). Para o autor, em sua Teoria Social do Discurso, o discurso pode ser analisado de forma tridimensional: como texto, como prática discursiva e como prática social. Fairclough (2003) considera que os textos – instância da linguagem em uso, como escritos, falados, visuais e sonoros – possuem efeitos no social. Textos são elementos dos eventos sociais e podem mudar nosso conhecimento, nossas crenças, atitudes e valores. Textos publicitários podem objetivar engendrar identidades de consumidores. Textos podem iniciar guerras ou promover mudanças nas relações industriais. Podemos aprender com textos. Podemos também perceber que efeitos de textos podem incluir, assim, mudanças no mundo material, nas pessoas, nas ações, nas relações sociais. Entretanto, tais efeitos não ocorrem como processo mecânico de causa e efeito, pois são mediados pela construção de sentido e dependem do contexto e não de regularidade de padrões (FAIRCLOUGH, 2003).

Após essa explanação sobre efeitos dos textos, temos de salientar que os mesmos não chegam diretamente às estruturas – entidades abstratas como linguagem, estrutura econômica e classe social – pois essa relação é mediada pelas práticas sociais e estão diretamente ligadas à noção de agência. As práticas sociais, nesse sentido, são ordens discursivas de um contexto que restringem a ação no âmbito da agência. Elas são organização social e controle da variação linguística (FAIRCLOUGH, 2003). É interessante frisar que usamos “restringir” e não “determinar” e que, mesmo existindo uma estrutura geral, ela não é estática. O uso da linguagem é, portanto, moldado no social, tomando o discurso como forma de

ação e assumindo que a sua relação com a estrutura social seja dialética, isto é, o discurso é constituído pelo social assim como também o constitui (COSTA, 2013).

No contexto deste artigo, o filme “Eu não sou um homem fácil” é composto de textos (imagens, sons, etc) que estão restringidos por ordens discursivas permeadas por lutas discursivas que debatem o que é gênero na contemporaneidade e sua importância na vida social. Contudo, essas mesmas ordens discursivas que restringem não são estáveis e, portanto, possibilitam que diferentes textos possam mudar nosso conhecimento, nossas crenças, atitudes e valores. É este o caráter de mudança social que Fairclough (2001) advoga ao considerar o discurso enquanto prática social.

Lutas discursivas sobre gênero

O estudo do gênero aborda as relações sociais entre homens e mulheres com foco na identidade de cada sujeito, que é construída a partir da aceitação ou não das determinações sociais que definem os papéis masculinos e femininos na sociedade.

O conceito, segundo Louro (1997), insere o debate no campo social, uma vez que é aí que se constroem as desigualdades. A autora sustenta a necessidade de romper a dicotomia homem/mulher atribuindo ao conceito de gênero, mantendo sua utilidade teórica na medida em que incorpora as diversas formas de masculinidade e feminilidade que se constroem socialmente, uma vez que mulheres e homens vivem de formas diversas das hegemônicas, não sendo representados como “verdadeiros” mulheres e homens, encontrando-se à margem da estreita concepção binária (LOURO, 1997).

Assim, observa-se que os estudos de gênero rejeitam os papéis de gênero criados a partir de uma compreensão das diferenças entre homens e mulheres de forma naturalizada, passando a entender tais papéis como construções permeadas por aspectos sociais, vivenciadas de formas diferentes por cada indivíduo.

Scott (1995) entende a inserção do termo “gênero” nos estudos acadêmicos como uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos. A autora afirma que se buscou rejeitar o determinismo biológico implícitos nos termos “sexo” e “diferença sexual”, enfatizando os aspectos relacionais das normativas sobre feminilidade. A autora afirma, no entanto, que a versão mais simplista do termo pode ser sinônimo de “mulher”, visando o reconhecimento do campo de estudos no meio, uma vez que sua conotação é mais neutra, fenômeno que a autora caracteriza como a busca de legitimidade acadêmica para os estudos feministas (SCOTT, 1995).

Já Rago (1998) define o gênero como a construção social e cultural das diferenças sexuais. A autora explica que o início da utilização do termo foi motivo de debates e estranhamento no meio acadêmico, sobretudo nos estudos feministas, por relutarem em retirar o foco dos estudos do “sujeito mulher”, enfraquecendo a luta feminista. No entanto, as feministas acabaram por avançar na crítica aos questionamentos dos comportamentos, da lógica masculina, representando toda a humanidade. A autora afirma:

A categoria do gênero permitiu nomear campos das práticas sociais e individuais que conhecemos mal, mas que intuímos de algum modo. [...] Fundamentalmente, passamos a perceber que o universo feminino é muito diferente do masculino, não simplesmente por determinações biológicas, como propôs o século 19, mas sobretudo por experiências históricas marcadas por valores, sistemas de

pensamento, crenças e simbolizações diferenciadas também sexualmente (RAGO, 1998, p. 92).

Assim, “a superação da lógica binária contida na proposta da análise relacional do gênero é fundamental para que se construa um novo olhar aberto às diferenças” (RAGO, 1998).

Percebe-se que a temática de gênero ganhou espaço no meio acadêmico como forma de contraposição aos estudos que tratam a sexualidade com foco nos aspectos biológicos de homens e mulheres, introduzindo dimensões sociais e culturais na abordagem entre as diferenças sexuais e passando a inserir no debate novas ideias como as subjetividades e as identidades dos sujeitos em sua construção social.

A identidade de gênero, segundo Louro (1997) é uma construção que está em constante mutação, pois os sujeitos estão frequentemente construindo e desconstruindo suas formas de ser e estar no mundo, assim, tais construções são sempre transitórias, pois transformam-se ao longo do tempo, a partir da articulação com histórias pessoais, identidades sexuais, de classe, entre outras. Segundo a autora:

Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo (LOURO, 1997, p. 10).

Assim, observa-se que a noção de gênero passa a ser considerada a partir de novas percepções acerca das relações sociais, dos questionamentos às diferenciações estritamente biológicas entre homens e mulheres, das perspectivas de construção das identidades dos sujeitos, portanto, passando a considerar fatores mais subjetivos nas análises das relações entre homens e mulheres, anteriormente, restritas a diferenças sexuais.

Importante ressaltar o argumento de Scott (1998) quando apresenta gênero como uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Assim, segundo a autora, foi possível, a partir da disseminação dos estudos sobre sexo e sexualidade, que o gênero passasse a distinguir as práticas sexuais dos papéis sexuais, enfatizando um sistema de relações que não entende tais práticas como determinantes para a sexualidade.

Dessa forma, a inserção do gênero na academia trouxe novas dimensões para os estudos sociais, incluindo novas perspectivas sobre relações, papéis e orientações que envolvem feminilidades e masculinidades.

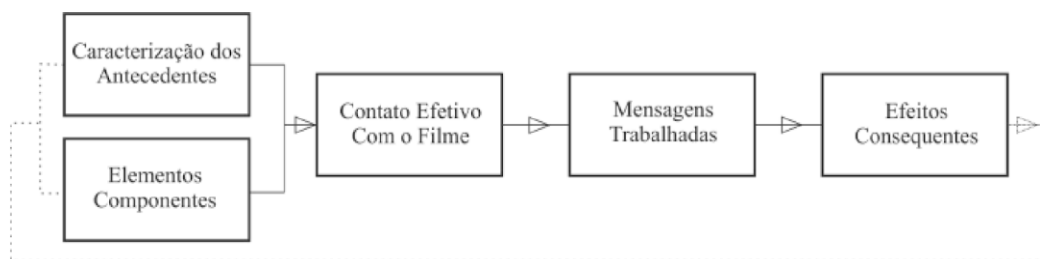
Metodologia

O presente estudo possui enfoque qualitativo, utilizando como método a análise fílmica, compreendendo-a como possibilidade de aprofundar questões relacionadas às percepções e reações após o contato com o filme. O enfoque qualitativo possui ênfase na compreensão de um fenômeno (SAMPLIERI; COLLADO; LUCIO, 2013), lidando com interpretações da realidade social (BAUER; GASKELL, 2011).

O método utilizado compreendeu a aplicação do modelo de análise de filmes nas ciências sociais aplicadas proposto por Isboli, Pepece e Gaiotto (2016), o qual aliou, segundo os autores, a análise do discurso francesa, julgando os filmes com base na compreensão do que dizem os signos utilizados, e a semiótica, interpretando as produções desenvolvidas. O modelo foi elaborado a partir da constatação da lacuna existente quanto às análises que utilizam filmes como fontes de dados, sejam eles na forma de entretenimento, comerciais, institucionais ou informativas.

O modelo desenvolvido prevê cinco momentos, divididos em quatro etapas conforme representado na Figura 1.

Figura 1: Modelo de análise de filmes



Fonte: ISBOLI; PEPECE; GAIOTTO, 2016.

Primeiramente, na caracterização dos antecedentes, os autores sugerem que sejam anotados pontos como gênero e subgênero, registro temporal, temas representados, natureza ou finalidade da representação e caracterização do contato anterior do filme. Posteriormente, passa-se à delimitação dos elementos componentes, verificando o histórico do diretor e dos personagens principais (ISBOLI; PEPECE; GAIOTTO, 2016).

A partir do contato com o filme, os autores definem como importantes o ambiente e a companhia com o qual o filme é assistido, pois pode ser que o filme seja analisado de maneiras diferentes conforme as situações em que o pesquisador se encontra inserido. Na etapa das mensagens trabalhadas, é realizada a análise do filme, seguindo a observação de sete aspectos, os quais, por sua vez, foram sugeridos por Cordeiro e Amâncio (2005): (a) retrato social; (b) análise de estereótipos; (c) núcleo principal; (d) identificação da problemática; (e) construção das interações dos personagens; (f) local de desenvolvimento do filme; e (g) período ou época que retrata o filme (ISBOLI; PEPECE; GAIOTTO, 2016).

Em relação aos efeitos consequentes, deve-se analisar a reflexão gerada, as ações de disseminação, derivações criadas e eventuais premiações, servindo como análise complementar à análise fílmica (ISBOLI; PEPECE; GAIOTTO, 2016).

Análise dos dados

Caracterização dos antecedentes

Anteriormente à exposição ao filme, de acordo com a proposição de Isboli, Pepece e Gaiotto (2016), foi realizada caracterização com base na análise de representação fílmica proposta por Cordeiro e Amâncio (2005), objetivando fazer

uma espécie de catalogação prévia do filme, definindo-o quanto à sua caracterização e eventuais expectativas criadas pelo(a) pesquisador(a).

Assim, em relação ao gênero, o filme é classificado como uma ficção de comédia. Segundo Nogueira (2010), a comédia procura suscitar necessariamente o riso ao ressaltar as fragilidades do ser humano, como o vício, a negligência, a pompa, a presunção ou a insensatez. O autor resalta que a comédia cinematográfica é a prova de que a procura pelo prazer é uma constante antropológica, na qual se busca rir de tudo, até do mal e da desgraça. O filme é também classificado como sátira, modalidade utilizada quando o humor produz um discurso crítico, conforme Nogueira (2010).

No que se refere ao registro temporal, a narrativa do filme se passa em tempo atual, na França do século XXI. O tema representado, inclusive apresentado na sinopse do filme, trata da inversão de papéis entre homens e mulheres em um mundo paralelo no qual o protagonista passa a viver após um acidente. Assim, é possível perceber que a representação do filme pretende trazer reflexões e/ou críticas à realidade machista vivenciada na contemporaneidade, fazendo com o que o personagem principal experimente situações não vivenciadas em seu mundo tradicionalmente patriarcal.

É importante registrar que o filme foi lançado em um momento no qual o mundo presenciava a eclosão de várias denúncias de assédio protagonizadas por mulheres em um movimento nomeado de #MeToo. Portanto, essa crítica não emerge deslocada socialmente, pois vários países presenciaram a adesão de mulheres nas redes sociais, na mídia tradicional, em eventos importantes como o Met Gala e em manifestações de rua.

No que se refere ao contato anterior com o filme por parte das pesquisadoras, é importante ressaltar que ambas são provenientes de um grupo de estudos feministas, sendo o filme indicação de participantes do mesmo grupo, o que permite concluir que as pesquisadoras já tinham conhecimento da repercussão do filme quanto aos temas que tratam das relações e papéis de gênero que são abordados no filme.

Elementos componentes

A diretora e também roteirista do filme, Eléonore Pourriat, define-se como feminista, defende direitos iguais entre homens e mulheres e já havia dirigido outras produções acerca da temática, inclusive um curta-metragem com enredo similar (inversão de papéis de homens e mulheres), intitulado “Majorité Opprimé”. No enredo, o protagonista passa por diversas situações de opressão e violência causadas por mulheres. Vicent Elbaz e Marie Sophie Ferdaneé, protagonistas do filme, são atores franceses renomados, protagonizando filmes anteriores de sucesso, no entanto, sem participações conhecidas em produções com temas similares.

Percebe-se, portanto, a inclinação da diretora em tratar das temáticas de gênero, ressaltando as diferenças vivenciadas por homens e mulheres na sociedade ocidental, uma vez que seu ponto de referência é a França. É possível perceber sua intenção em gerar incômodos nos espectadores, principalmente no público masculino, ao demonstrar situações pelas quais as mulheres passam cotidianamente sendo vivenciadas por homens. Utilizando-se da comédia, a diretora

consegue passar a sua mensagem crítica sem colocar um tom pesado, ou melancólico, no filme.

Ao fim dessa etapa, é possível perceber as expectativas criadas anteriormente ao contato com o filme, as quais permitem compreender a finalidade do filme, que é produzir críticas ao modelo patriarcal, através de uma sátira que se passa na França atualmente, trazendo como enredo a inversão de papéis entre homens e mulheres.

Contato efetivo com o filme

As autoras assistiram ao filme por diversas vezes e em circunstâncias diferentes. Uma das autoras havia assistido o filme em casa e o indicou para a outra autora na ocasião de um encontro de um grupo de estudos que discute gênero, feminismo e raça. Portanto, o contexto no qual o filme fora assistido já fazia parte dos efeitos consequentes da disseminação do filme em grupos sociais afins à temática feminista. Contudo, as reações ao primeiro contato com o filme, que foi assistido em casa por ambas autoras sendo que uma foi acompanhada do marido e a outra assistiu sozinha, foram semelhantes como o estranhamento, o choque e a sororidade invertida, além da necessidade posterior de reflexão.

Depois, as autoras assistiram ao filme juntas mais duas vezes: uma enquanto organizavam um cinedebate e outra na realização desse mesmo cinedebate com estudantes de graduação de uma escola. Nessas duas vezes, puderam compartilhar diferentes reações, como o receio de que imagens com cenas de nudez e sexo pudessem trazer algum constrangimento ao público (na organização) e o estranhamento de que o público era composto eminentemente por mulheres e apenas um homem (na realização). O receio e o estranhamento são reações não isoladas socialmente, pois há ordens de discurso na sociedade que restringem a agência e, segundo Foucault (2019), há o controle da produção de discursos por processos internos e externos, como a interdição da palavra, que define o que pode ser dito em cada momento, em relação ao tabu do objeto sexualidade (FOUCAULT, 2019).

Por ser o único homem, foi sugerido que ele iniciasse o debate com suas impressões sobre o filme e, apesar de entender algumas cenas como uma luta justa feminista, utilizou de alguns argumentos machistas para defender o status quo do homem na sociedade contemporânea, como “o homem não aguentaria isso que a mulher aguenta” ou “a mulher nasceu forte para aguentar dar a luz”.

Esses comentários aproximam-se ao determinismo biológico criticado por Scott (1995), que buscou rejeitar o determinismo biológico implícitos nos termos “sexo” e “diferença sexual”, enfatizando os aspectos relacionais das normativas sobre feminilidade, e por Louro (1997), segundo a qual a identidade de gênero é uma construção que está em constante mutação, pois os sujeitos estão frequentemente construindo e desconstruindo suas formas de ser e estar no mundo, assim, tais construções são sempre transitórias, pois transformam-se ao longo do tempo, a partir da articulação com histórias pessoais, identidades sexuais, de classe, entre outras.

Mensagens trabalhadas

Após o contato com o filme, refletiu-se sobre a observação dos aspectos propostos Isboli, Pepece e Gaiotto (2016), os quais por sua vez foram inspirados no estudo de Cordeiro e Amâncio (2005).

O filme retrata duas sociedades opostas. Uma na qual os homens dominam o mundo e outra na qual nas mulheres o dominam. Essa dominação pode ser observada desde a ocupação de cargos políticos importantes e se estende para práticas sociais, como relações familiares, e discursos de diversas naturezas, como ditados populares e publicidade.

Os estereótipos trazidos no filme constituem o fator mais marcante da história, pois as situações vivenciadas pelos personagens são na verdade uma forma de criticar, em forma de humor, de maneira quase caricatural. Foram representados os estereótipos masculinos x femininos no que se refere a relações com o corpo (descuidado x cuidado), relações amorosas (desapegado e cafajeste x apegado e romântico), relações domésticas (trabalho x casa), bebida (cerveja x espumante rosé), estética (pelos x depilação), sexo (dominador x dominado), emotividade (insensível x sensível), dinheiro (ganha muito x ganha pouco), família (provedor x cuidador), trabalho (valorizado x não valorizado), esporte (boxe x pilates) etc.

O núcleo principal é composto por Damién, um publicitário bem-sucedido, machista e mulherengo, que sofre um acidente e acorda em um mundo invertido no qual perde seu emprego para uma mulher e vira secretário; por Alexandra, secretária de Christophe no início da trama e que vira patroa e amante de Damién no mundo invertido; por Christophe, amigo de Damién, escritor, pai de família e casado com Lolo; Lolo, ex-namorada de Damién, que dedica sua vida à atual família e que inverte os papéis com Christophe.

A problemática trata-se da crítica ao machismo na atualidade. Tal crítica pode ser fortemente percebida quando são ressaltadas práticas que cotidianamente estão atreladas ao feminino mas que no filme são apresentadas ligadas ao gênero masculino, tais como: obras de arte de corpos masculinos, peças publicitárias com apelo sexual ao corpo masculino, roupas curtas para homens, mulheres praticando assédio, submissão do homem em casos de infidelidade, responsabilidades domésticas que ficam a cargo dos homens, importância exacerbada aos cuidados com a beleza masculina, homens desempenhando trabalhos sem status social e vistos como emotivos e passionais.

Ao representar o mundo invertido, busca-se chocar com os estereótipos e ao mesmo tempo solidarizar tanto os homens quanto as mulheres para as lutas que as mulheres passam todos os dias, algumas visíveis e outras invisíveis, naturalizadas como normal. Demonstra como as identidades dos sujeitos são construídas e desconstruídas, com arranjos e desarrajos de seus “lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo” (LOURO, 1997, p. 10).

A construção das interações dos personagens é baseada na troca de papéis, abrangendo identidade, trabalho, emoções, forma de relacionar com família e parceiros. Damién e Alexandra e Christophe e Lolo, respectivamente, trocam de lugar, pensando, agindo, sentindo como o outro pensava, agia e sentia no mundo paralelo.

O local onde o filme se desenvolve é na França, em uma realidade paralela, onde os papéis de gênero encontram-se “trocados”. O filme retrata a sociedade francesa de forma similar ao “mundo real” no século XXI.

Efeitos consequentes

Em termos de reflexões geradas, o filme foi lançado em 2018, pela Netflix, e desde então vem sendo comentado em diversos sites na internet com aprovações e reprovações. Para Ramos (2018), “Eu Não Sou Um Homem Fácil se tornou extremamente necessário. O filme é sem dúvidas, mais um acerto da Netflix. Só nos resta esperar que seja aceito pelo lado masculino do público”, opinião expressa no site “poltronanerd.com.br”. Já para Toller (2018), o filme não merece tantos confetes pelos estereótipos e superficialidades no tratamento de temáticas caras à luta feminista, como a interseccionalidade (raça, etnia, classe social, sexualidade) e a violência. E há aqueles que aprovam o filme, apesar do uso excessivo dos estereótipos, sendo essa uma estratégia proposital para causar o efeito de choque e reflexão no público espectador (PEREIRA, 2018).

A disseminação, no Brasil, além da exibição pelo streaming tem acontecido nos diversos eventos que discutiram o machismo usando o filme, como o Cine Psico da Univali em Itajaí (maio de 2018), o projeto de extensão da Faculdade Pernambucana de Saúde em Recife (maio de 2018), o Cine Mais Cultura na UFOPA em Santarém (julho de 2019), o Cinedebate DNA em Caxias do Sul (agosto de 2019), entre outros.

Para Fairclough (2001; 2003), o filme pode ser considerado um texto que, nesse caso, possui um modo de agir (gênero) relacionado ao objetivo de fazer rir por ser uma comédia, mas também de fazer refletir, por possuir um modo de representação do mundo (discurso) que constrói estereótipos em um mundo invertido e de identificação (estilo) com o tema da desigualdade de gênero entre homens e mulheres.

Esse texto carrega uma mensagem que é moldada pelas estruturas sociais, como o patriarcado, mas é capaz de mudar crenças e valores por que essas estruturas são mutáveis, como, por exemplo, a partir do movimento da luta feminista argumentado por outra perspectiva na narrativa. É nesse sentido que este artigo não busca defender uma crítica ou outra ao filme, mas analisa a luta discursiva sobre o gênero travada com a exibição e a disseminação do filme.

Considerações finais

O presente estudo possuiu o objetivo de compreender como são construídos/transformados os discursos de gênero no cinema, através da análise fílmica do filme “Eu não sou um homem fácil” através da aplicação do método de análise de filmes nas ciências sociais proposto por Isboli, Pepece e Gaiotto (2016).

É possível perceber que os papéis pré-definidos das práticas masculinas e femininas são construções culturais e sociais que mudam ao longo da história. O filme traz argumentos utilizados no “mundo invertido” para justificar a opressão que as mulheres exercem sobre o homem, como o poder que a mulher possui para dar à luz (em detrimento do homem, que não possui essa força). Tal situação parece absurda à primeira vista, no entanto, ao fazer a analogia com as práticas reais da sociedade contemporânea, percebe-se que os costumes patriarcais dominantes na sociedade são baseados em argumentos de cunho cultural e social, não havendo explicações biológicas que sustentem tais práticas. Nesse sentido, Louro (1997) argumenta ser imperativo opor-se ao senso comum de que a distinção biológica é determinante para compreender as desigualdades entre os sexos, pois as formas como as características de cada sexo são valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa

sobre elas, é o que define o feminino e o masculino. Tais construções ficam evidentes no decorrer do filme, que deixa a conclusão de que a superioridade, seja ela qual for, é uma forma de opressão abominável.

A diretora consegue levantar questionamentos acerca do cotidiano das mulheres: acúmulo de tarefas domésticas, desvalorização no trabalho, assédio, objetificação do corpo, os quais são temas caros para a maioria das mulheres no mundo ocidental. Ao produzir uma obra de arte que pode dizer o que outros discursos não dizem (LOPES, 2006), a diretora contribui para trazer à tona questões que envolvem direitos e liberdades individuais das mulheres.

É importante ressaltar que da mesma forma que um discurso pode transformar, também pode reproduzir uma realidade (FAIRCLOUGH, 2001). Assim, ao apresentar estereótipos, esse discurso pode normalizar situações sociais, reproduzindo uma realidade vivida por pessoas héteros, cis, brancas e da classe média europeia. O que difere em muito dos problemas vivenciados por mulheres pobres, negras, lésbicas, trans, etc, demonstrando que a interseccionalidade não foi abordada no filme, apesar de sua importância para a luta feminista contemporânea.

Outra lacuna desta pesquisa refere-se à aplicação do modelo de análise fílmica que não detalha os aspectos referentes à análise de discurso francesa e análise semiótica. Por isso, sugere-se como pesquisas futuras que o modelo seja melhor detalhado para facilitar a aplicação, considerando todos os aspectos epistemológicos e teóricos que subjazem o modelo.

REFERÊNCIAS

BAUER, M; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BOJE, D. M; OSWICK, C.; FORD, J. D. Language and organization: the doing of discourse. **Academy of Management Review**, Briarcliff Manor, v. 29, n. 4, p. 571-577, october 2004.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

CORDEIRO, R. I. de N.; AMÂNCIO, T. Análise e representação de filmes em unidades de informação. **Ciência da Informação**, v. 34, n. 1, 2005.

COSTA, L. P. A. A ADC faircloughiana: concepções e reflexões. **Revista linguagem**, São Carlos, 20 ed., 1-5 ago./set. 2013.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2019

HARDY, C. Researching organizational discourse. **International Studies of Management & Organization**, Armonk, v. 31, n. 3, p. 25-47, Fall 2001.

ISBOLI, G. H. P.; PEPECE, O. M. C.; GAIOTTO, S. A. V. Filmes como objeto de estudos para pesquisas em Ciências Sociais Aplicadas: um modelo para análises. In: Seminários em Administração, XIX, 2016. **Anais...** São Paulo, 2016.

LOPES, D. Cinema e gênero. In: MASCARELLO, F. **História do cinema mundial**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MUMBY, D. K.; CLAIR, R.P. Organizational discourse. In: VAN DIJK, T. **Discourse as social interaction**. London: SAGE, 2000. v. 2. p. 181-205.

NOGUEIRA, Luís. **Manuais de cinema II: gêneros cinematográficos**. Covilhã: Labcom, 2010.

PEREIRA, Jorge. Je ne suis pas un homme facile. C7nema. 31 maio 2018. Disponível em: <http://c7nema.net/critica/item/48700-je-ne-suis-pas-un-homme-facile-eu-nao-sou-um-homem-facil-por-jorge-pereira.html> Acesso em 20 out. 2019

RAGO, Margareth. Descobrimo historicamente o gênero. **cadernos pagu**, n. 11, p. 89-98, 1998.

RAMOS, Paula. Eu Não Sou Um Homem Fácil, um filme que precisa ser visto! Poltronanerd. 23 abr. 2018. Disponível em: <https://poltronanerd.com.br/filmes/critica-eu-nao-sou-um-homem-facil-um-filme-que-precisa-ser-visto-69354> Acesso em 20 out. 2019.

RESENDE, V. M. **Análise de discurso crítica e etnografia: o movimento nacional de meninos e meninas de rua, sua crise e o protagonismo juvenil**. 332 f. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília. Brasília, 2008.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2013.

SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. P. Simbolismo e dinâmica nas organizações. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, V, 2008, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, ANPAD, 2008

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 2015.

TOLLER, Luisa. Filme francês até rende algumas risadas, mas tem problemas e clichês suficientes para não jogarmos tanto confete quanto ele tem recebido. AZMINA. 18 jun. 2018. Disponível em:

<https://azmina.com.br/colunas/problematizando-o-filme-eu-nao-sou-um-homem-facil/> Acesso em 20 out. 2019

VAN DIJK, T. A. Introduction: dialogue as discourse and interaction. In: VAN DIJK, T. A. **Handbook of discourse analysis**. London: Academic Press London, 1985. v. 3. p. 1-11.